

EDUCAR PARA A AUTONOMIA PELO CAMINHO DA AFETIVIDADE

Aline K. Makiyama (UEL)

Samara B. Carneiro (UEL)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o papel da afetividade no processo ensino-educação, fazendo uma breve revisão teórica e expondo a experiência prática em sala de aula, destacando a importância da conduta afetiva da professora, evidenciando sua relevância não apenas para a construção do conhecimento, mas ainda para a subjetividade humana, principalmente no que concerne à autonomia. Busca refletir acerca da afetividade como uma das ferramentas para se atingir a efetividade do processo ensino-educação, como veremos, ela gera reação e ação, tanto por parte de professores quanto de alunos que conseguem interagir com liberdade alcançando assim, o objetivo principal do ensino. Concluímos, através deste estágio, que o afeto é primordial para a sala de aula, pois, a forma como o professor se relaciona com o aluno reflete diretamente nas relações do aluno com o conhecimento.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido a partir da experiência em sala de aula oriunda de estágio supervisionado obrigatório, do curso de Licenciatura em Letras - Português, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

O estágio foi realizado no sexto ano do ensino fundamental I, no período vespertino, em escola estadual na zona rural da cidade de Londrina-PR, no ano letivo de 2017.

Durante o período em que tivemos a oportunidade de estar em sala sob orientação da professora, tanto observando, quanto participando e posteriormente regendo as aulas, um fator nos chamou a atenção muito além do seu conhecimento, domínio de conteúdo, e da sua excelente didática, a forma afetiva como a professora interagiu com os alunos e a reciprocidade e cumplicidade dos mesmos.

Em tempos quando as notícias nos remetem à delicada situação da relação aluno x professor, de um lado professores estressados, e de outro, alunos desinteressados, nós tivemos a oportunidade de vivenciar um ambiente de mútuo respeito, engajamento e interesse, em que a relação ensino-aprendizagem se desenvolve de maneira orgânica e muito fluida. Obviamente, existem problemas de ordens variadas, e a maioria, pontuais, resolvidos quando possível *in loco* pela professora e quando não, pela pedagoga.

Porém, o nosso foco neste artigo não são os conflitos existentes, antes a maneira como a professora se relaciona com os alunos e como isto transforma o ambiente em sala de aula, não só minimizando os conflitos, mas principalmente resultando em efetividade no processo ensino-aprendizagem.

Esta afetividade se traduz em efetividade à medida que o professor, e aqui, nos referimos ao professor de modo geral, se interessa pelos alunos aquém das notas que podem ser por estes alcançadas, ou pela posição que a escola deve obter em determinado *ranking* seja ele municipal, estadual, nacional ou até mesmo internacional, mas um interesse pelo cidadão, o indivíduo, o ser humano.

Fica explícita a afetividade, não só na comunicação e no trato pessoal, uma vez que afetividade não se baseia somente em sentimentos contudo também em atitudes, portanto ela se reflete no cuidado com o conteúdo a ser trabalhado, desde a sua escolha até a forma como vai ser aplicado, nos detalhes, na preocupação em adequar tal conteúdo à realidade social e econômica dos alunos, em dar significado, em resposta positiva à indagação de Freire (1995) sobre o porquê não estabelecer uma *intimidade* entre os saberes curriculares e a experiência social dos alunos enquanto indivíduos, e considerando o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.

2. AFETIVIDADE

De acordo com o dicionário Michaelis (2019) afetividade é:

Qualidade ou caráter daquele que é afetivo (...); conjunto de fenômenos psíquicos que se revelam na forma de emoções e de sentimentos; capacidade do ser humano de reagir prontamente às emoções e aos sentimentos.

Neste sentido, afetividade abrange todos os fenômenos relacionados a afeto que no seu uso mais popular está relacionado a amor, carinho, sentimentos positivos em relação a algo ou alguém. Porém este uso mais popular não revela todos os sentidos do afeto, pois, no sentido amplo da palavra, o afeto e, por conseguinte o afetivo, se relaciona não apenas aos sentimentos positivos, mas sim uma predisposição a sentimentos que podem ser tanto

positivos quanto negativos, pode ser um impulso do ânimo, portanto podemos sim dizer que se liga a sentimentos, mas eles podem ser dos mais variados tipos.

Então, pedagogicamente podemos tomar afetividade como sendo uma ferramenta, em que o professor “provoca” no aluno sentimentos capazes de gerar um impulso de ânimo, um impulso transformador, em direção a busca por significados em relação ao mundo e ao seu lugar no mundo.

Segundo Wallon (2007), a inteligência não é o elemento mais importante do desenvolvimento humano, este depende de três vertentes: a motora, a afetiva e a cognitiva, sendo indissociáveis as dimensões biológicas e sociais, uma vez que se complementam mutuamente, portanto, a evolução da capacidade intelectual do indivíduo depende do meio ambiente, que o condiciona, impedindo ou impelindo o desenvolvimento de determinadas potencialidades, e neste ponto é que determinamos a importância da afetividade na educação.

Desde a antiguidade travam-se discussões sobre o papel da afetividade na subjetividade humana, porém como elemento dissociável da cognição, numa visão dicotômica, sendo recentes as pesquisas que demonstram a sua ligação de forma complexa com a cognição, conforme afirma também Arantes (2003) não existe aprendizagem meramente cognitiva ou racional, pois os aspectos afetivos não são deixados de fora da sala de aula.

Segundo Piaget (1973), a afetividade é a energia que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilita ao sujeito identificar desejos e sentimentos variados e assim obter êxito nas ações.

3. AFETIVIDADE X EFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Ser afetivo na tarefa de educar em sala de aula é ter os olhos abertos para enxergar as diferenças, ter a sensibilidade e a percepção da realidade onde está inserida a escola e conseqüentemente o aluno, tentar minimizar o abismo colocado por séculos de pragmatismo, entre o professor e o aluno, é reconhecer necessidades especiais de um ou outro aluno e tratar cada um com respeito e empatia e assim poder proporcionar ao aluno uma experiência significativa de aprendizagem, não apenas de um conteúdo para a prova, mas de um conteúdo para a vida.

Segundo Assmann (1996), “Educar não é apenas ensinar, mas criar situações de aprendizagem nas quais todos os aprendentes possam despertar, mediante sua própria experiência do conhecimento, para a sua dignidade de sujeitos do seu futuro”, isto se traduz como efetividade, em educação com um propósito e somente um professor que utiliza a afetividade como ferramenta pode alcançar êxito neste sentido, pois o aluno só é capaz de atingir este “despertamento” se suas emoções forem tocadas, estimuladas, pois toda ativação mental está interligada à emoção.

Portanto, um ensino-aprendizagem mais produtivo e satisfatório, tanto para o aluno quanto para o professor, passa pelo caminho da afetividade, e a relação professor x aluno é fator determinante deste processo e do seu resultado.

Conscientes de todos os problemas que permeiam o processo, como professores sobrecarregados devido aos baixos salários, tendo que se desdobrar em vários turnos e escolas para garantir o seu sustento com dignidade, e alunos com problemas familiares os mais diversos, vindos, muitas vezes, de ambientes familiares desestruturados, sofrendo muitos tipos de violência e totalmente desamparados pelo estado e pela sociedade. Ainda assim, acreditamos que apesar de todas estas dificuldades é possível alcançar efetividade no processo ensino-aprendizagem, não há dúvidas de que é necessário um esforço extra por parte do professor, e este esforço passa necessariamente pela afetividade. O desafio para o professor é enxergar o aluno em sua totalidade, uma vez que ele próprio enquanto aluno, em muitos casos, não teve esta experiência em sua formação. O fato é que todos temos necessidades afetivas e uma vez que estas necessidades não são atendidas satisfatoriamente, todo o processo pode ser comprometido, gerando desinteresse, descompromisso e apatia em ambas as partes, e no aluno, ainda, a dificuldade de aprendizagem (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Da teoria à prática, passamos a descrever como vivenciamos em nosso estágio a afetividade como fator determinante da efetividade no processo ensino-aprendizagem.

No primeiro momento, onde deveríamos apenas observar as aulas, desde o primeiro dia em que adentramos os portões da escola, já identificamos, ainda no pátio na hora do intervalo, uma relação totalmente amistosa entre a professora e os alunos.

Procuramos seguir o exemplo e as instruções da professora regente que consistiam em ser afetiva com os alunos, em ouvi-los, dar atenção ao que eles tinham a dizer, conhecer suas

histórias, entender suas limitações e ensinar o conteúdo de uma maneira prática, trazendo os conteúdos para a realidade deles, no caso alunos da zona rural, para que assimilassem para o uso no dia a dia.

Neste estágio, assistimos algumas aulas da professora regente, outras aulas nós a ajudávamos em sala de aula e por fim nós aplicávamos algumas aulas, as quais estas giraram em torno do assunto “fábula”. O objetivo das aulas era ensiná-los o conceito de fábula e suas características como, por exemplo, forma, tipo textual, personagens e moral da história, de que forma essas fábulas traziam ensinamentos práticos para a nossa vida e como podemos aplicá-los.

Em todas as aulas aplicadas os alunos participavam ativamente, contavam histórias pessoais que eram relacionadas aos assuntos das fábulas, traziam diversas interpretações de uma mesma moral da história, teciam as próprias críticas das ações dos personagens e das possíveis morais.

Em uma das aulas, as estagiárias juntamente com a professora regente fizeram a leitura da fábula “*O lobo e o cordeiro*” de Esopo, onde elas representaram de forma *dramática* os dois personagens e o narrador. Logo em seguida, os próprios alunos quiseram fazer o mesmo, eles se organizaram e se separaram em trios, cada um escolhia o seu papel de personagem ou de narrador, e apresentavam a leitura diante da turma, incorporando os personagens e o tom da leitura que achavam adequado, faziam gestos e poses como de uma peça de teatro.

Afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. Ser afetado é reagir com atividades internas/externas que a situação desperta (MAHONEY; ALMEIDA, 2005). Neste contexto, os alunos reagiram à nossa leitura *dramática* da fábula, e incentivados pelo ambiente de autonomia e liberdade de expressão criado pela professora, sentiram-se encorajados a desenvolver sua própria leitura *dramática* do texto, com todas as nuances que consideraram necessárias, transformando este momento de leitura em algo muito maior e mais significativo, algo que levarão para suas vidas, um momento de compartilhamento, de trabalho em equipe, de definir tarefas, de exposição do eu ao olhar do outro, de iniciativa, de tomada de decisão, de autonomia.

Era evidente a liberdade dos alunos em participar, em tentar, a vontade de aprender e falar o que aprenderam, se concordavam ou discordavam, não tinham medo de errar e havia respeito mútuo entre eles, com a professora e as estagiárias.

Nesta aula citada acima, especificamente, nós, estagiárias, não havíamos preparado este tempo para a leitura *dramática* dos alunos, tínhamos um cronograma para a nossa aula, nem sequer passou em nossos planos que a aula transcorreria desta forma, porém, diante da empolgação dos alunos e da pertinência do ato, não tivemos outra opção, a não ser abrir mão do planejamento prévio em função dos componentes afetivos e intuitivos na construção do conhecimento. Conforme Freire (1997), em seu livro *Professora sim, Tia não* “...é necessário que evitemos outros medos que o cientificismo nos inoculou. O medo, por exemplo, de nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossos desejos, o medo de que ponham a perder nossa cientificidade. O que eu sei, sei com o meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com os meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções...”.

Afetividade pressupõe colocar de lado o medo, o medo de perder o controle, o medo de não cumprir o cronograma, o medo de não estar cumprindo adequadamente o nosso papel, uma vez que se relaciona à nossa capacidade de reagir a situações que geralmente não estão no programa, inusitadas, novidades que exigem resposta rápida e que nos tiram da nossa zona de conforto, convocam-nos ao confronto com nossas próprias crenças e métodos.

Um outro aspecto que nos chamou atenção foi a empatia, o que só é possível através do diálogo e da confiança. A professora demonstra conhecer individualmente cada aluno, sua vida, sua realidade social, de qual ambiente familiar ele participa, suas particularidades, e como isso faz diferença no relacionamento em sala de aula, uma vez que os alunos se sentem valorizados, vistos, desenvolvem uma relação de amizade e respeito entre a professora e os alunos.

Assim, a professora respeita o ritmo de aprendizagem de cada aluno e os alunos sentem-se reconhecidos como indivíduos, o que gera uma atmosfera amistosa e propícia ao processo ensino-aprendizagem, um ambiente de não violência educativa. Segundo Restrepo (1998), o ambiente de violência educativa é perpetuado sempre que os alunos são homogeneizados, quando a escola trata a todos como se tivessem as mesmas características e devem responder igualmente às exigências impostas.

Como diz Rubem Alves: “A ciência é muito boa – dentro dos seus precisos limites. Quando transformada na única linguagem para se conhecer o mundo, entretanto ela pode produzir dogmatismo, cegueira...” (ALVES, 2003, p. 115)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Assmann (2001), “não está em jogo apenas o direito das crianças e dos jovens à educação. Está em jogo a autoestima e a alegria de viver dos docentes”, o que nos dias de hoje parece paradoxal diante do quadro que se estabeleceu nas escolas de um modo geral, o que vemos é um trabalho em que só pode haver um vencedor, a sala de aula tornou-se um campo de batalha, onde ou professor ou aluno sairão satisfeitos, jamais os dois.

Felizmente, através da realização deste estágio, tivemos a oportunidade de vivenciar uma realidade diferente, onde não há perdedores, alunos e professores podem sim sair vencedores. Não é uma tarefa simples, dispensa esforço, vontade e determinação, mas é possível, e a afetividade é o caminho que nos levará ao êxito.

O processo ensino-aprendizagem comporta fluxos e refluxos, certezas e dúvidas; tal como o desenvolvimento, é um processo em aberto, portanto sujeito a reformulações constantes. Na relação professor-aluno, o papel do professor é de mediador do conhecimento (MAHONEY;ALMEIDA, 2005).

O mais importante que aprendemos desta experiência é que a afetividade é um caminho de mão dupla, o professor é afetado e afeta na mesma proporção. A forma como o professor se relaciona com o aluno reflete nas relações do aluno com o conhecimento. O professor é um modelo na sua forma de relacionar-se, de expressar seus valores, na forma de resolver os conflitos, na forma de falar e ouvir.

Sem dúvida alguma, o cérebro necessita do abraço para seu desenvolvimento e as mais importantes estruturas cognitivas também dependem deste alimento afetivo para alcançar um nível adequado de competência. [...] sem matriz afetiva, o cérebro não pode alcançar seus mais altos picos na aventura do conhecimento (RESTREPO,1998).

REFERÊNCIAS

AFETIVIDADE. Dicionário online Michaelis, 24 set, 2019. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=afetividade>>. Acesso em 24 set, 2019.

ALVES, Rubem. **Entre a Ciência e a Sapiência. O dilema da educação**. 9 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

ARANTES, V. A. **Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na educação**; In VIDETUR, n. 23. Porto/Portugal, Mandruvá, 2003. Disponível em <<http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>> Acessado em 13 jan, 2019.

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**. Piracicaba: UNIMEP, 1996.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997b.

_____. **A Educação na cidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psicologia da educação, São Paulo, n. 20, p. 11-30, jun. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 jan, 2019.

PIAGET, Jean. **Estudos de psicologia genética**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

RESTREPO, Luis C. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Wallon, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.